



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o  
2º Fórum Banco Central sobre Inclusão Financeira**

**Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 17 de novembro  
de 2010**

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Márcia Lopes, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. E o nosso companheiro Henrique Meirelles, presidente do Banco Central.

Quero cumprimentar o Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste, O Abdias de Souza, presidente do Banco da Amazônia,

E cumprimentar a nossa querida Sandra Magalhães, do Banco Comunitário Palmas, de Fortaleza,

Cumprimentar o Ronaldo Scucato – é Scucato mesmo? – Scucato, da Organização das Cooperativas Brasileiras,

E cumprimentar todos os companheiros participantes do 2º Fórum do Banco Central sobre Inclusão Financeira,

Amigos da imprensa,

Companheiros convidados,

Meirelles, eu tenho um relatório que eu acho que foi tirado do livro que você está aí, da inclusão financeira, que foi feito pelo companheiro Gilson Bittencourt, do ministério da Fazenda. Eu estou em uma dúvida aqui: se eu não leio os números que estão aqui, o Gilson vai ficar frustrado; se eu leio, vocês vão ficar, Gilson, se eu leio aqui, vocês vão ficar boquiabertos, porque não vão decorar nenhum número, porque é uma quantidade enorme. Mas eu vou tentar fazer uma mistura aqui, antes dizendo uma coisa para vocês.

Eu penso que nós, ao terminarmos o nosso mandato, nós certamente temos consciência de que fizemos muita coisa, mas também temos



consciência de que tem muita coisa que precisa ser feita. Em muitas coisas nós avançamos mais, em outras nós avançamos menos.

Mas é importante que vocês, que tratam da questão de crédito, de cooperativa, de inclusão, de microcrédito, que vocês também botem na cabeça que o governo avança na medida em que a sociedade avança, na medida em que a sociedade pede, na medida em que a sociedade reivindica, na medida em que a sociedade exige. Porque não é da formatura [formação] de nenhum economista, de nenhum Banco Central, nem daqui, do Meirelles, nem da diretoria dele que está aqui, nem da diretoria do Smith, nem da diretoria do Banco do Brasil, nem do Basa, não é da formação de ninguém que teve uma formação acadêmica, ser obrigado a conhecer que existia em Fortaleza o Banco Palmas de Fortaleza. Não é.

Bom, então eu acho, Meirelles, que o fato de a gente estar aqui, em uma reunião – e se você contar isso em Basiléia ninguém acredita – em que o Banco Central brasileiro, o seu presidente e a sua diretoria, dedicou um dia para fazer um seminário sobre inclusão financeira, trazendo bancos comunitários, trazendo banco de cidade, trazendo cooperativas, trazendo as pessoas que trabalham com os mais diversificados meios de obter crédito e financiamento, ninguém acredita, Meirelles.

Essa fotografia, Stuckinha, precisa ser tirada aqui, pegando aquele *outdoor* ali atrás, para que a gente faça algum quadro e coloque na mesa do Banco Central, na porta de entrada, para que... E também na porta do Ministério da Fazenda, na porta dos presidentes dos bancos todos. Porque é uma coisa inusitada, gente.

Olhem, nós, aqui, estamos exercitando uma coisa, Paul Singer, simples. Ou seja, o que nós estamos exercitando aqui é o seguinte: a gente está provando que pouco dinheiro na mão de muitos significa distribuição de renda, e que muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de riqueza. Então, nós estamos aqui provando que embora não queiramos proibir alguém



de ter muito dinheiro, nós queremos apenas exercitar o direito de dar oportunidade a todos de ter um pouco de dinheiro.

E o que acontece, Meirelles, é que, muitas vezes, houve um excesso de desconfiança, houve um excesso de zelo com a coisa pública. Você chegar para alguém do Banco do Brasil, alguém da Caixa Econômica, alguém do Banco Central, alguém da Presidência da República, alguém do Ministério não sei de onde e dizer: “Olha, nós precisamos abrir um banco aí para emprestar R\$ 10,00”. Era impensável. Isso não cabia na cabeça das pessoas, porque as pessoas estudaram tanto, ficaram tão inteligentes, que essas coisas pequenas não cabem, não cabem.

Nós estamos aqui, Meirelles, provando o seguinte: seria mais fácil a gente viver no planeta Terra, a gente governar um país, se a gente apenas fizesse o óbvio. Ninguém precisaria inventar nada, só fazer o óbvio. E é isso que a gente vê.

Eu lembro, quando eu fui, em mil novecentos e noventa e pouco, lá em Fortaleza, que me deram um cartãozinho do Banco Palmas de Fortaleza, que o empréstimo, acho que era de R\$ 15,00.

**Senhora Sandra Magalhães:** R\$ 20,00. A gente deu o crédito máximo para o senhor. (risos)

**Presidente:** Vinte reais, sabe? Agora, chegue... Agora, chegue no Banco Central, aqui em Brasília, chegue na Avenida Paulista, com o Roberto Setúbal, chegue com o Trabuco, no Bradesco, ou com qualquer outra pessoa, na Avenida Copacabana, na Boa Viagem, e vá a uma reunião de executivos e fale que tem um banco neste país que tinha como crédito máximo R\$ 20,00. A primeira coisa que o cidadão iria pensar era o seguinte: “Bem, R\$ 20,00 é tão pouco que eu dou mais de gorjeta depois que eu tomo o meu uísque, é muito pouco”. (incompreensível) não percebe que para alguns R\$ 20,00 não é nada.



Mas para uma pessoa que levanta de manhã, olha para o fogão, não tem feijão, não tem leite, não tem manteiga, não tem farinha, não tem nada para comer, R\$ 20,00 dá para a pessoa entrar em uma bodega e fazer a festa pelo menos pelos próximos dez dias.

É essa dimensão de importância que as pessoas perdem. É essa dimensão de valor das coisas pequenas que nós vamos perdendo na hora em que a gente vai se achando importante, sobretudo quando a gente chega a cargo de prefeito, a cargo de governador, a cargo de presidente, de ministros, de instituições financeiras, porque nós lidamos com muitos bilhões, os tostões passam de lado. E nós esquecemos uma coisa fundamental: se pegar em uma escala, por segmento da sociedade brasileira, nós vamos perceber – e falo aqui, meu caro Smith, chutando – nós vamos perceber que os melhores pagadores são os mais pobres. Pode pegar toda a relação, Meirelles, toda a relação das pessoas que estão inadimplentes, você vai perceber que os melhores pagadores são as pessoas de menos renda. Sabe por quê? Porque tem uma coisa sagrada para essa pessoa mais pobre: como ele não tem acesso a muita coisa, o patrimônio mais rico dele é a cara dele e o nome dele e que, portanto, ele tem vergonha de ficar devendo o pãozinho que ele comprou na padaria.

Na alta roda, uma pessoa pode dever 2, 3 bilhões, quanto mais deve, mais chique é, não é? É verdade. Ou seja, eu ouvi do companheiro Gilson uma frase que dizia o seguinte: “Tem determinados setores que tem duas alegrias, no Brasil. Uma [quando] consegue tomar o dinheiro, e outra quando não paga”. Os pobres pagam, e pagam, e pagam de verdade. Então, eu acho que esse encontro aqui é um marco, Meirelles, no que pode acontecer no Brasil daqui para frente.

Nós, quando começamos a discutir o crédito consignado, como foi difícil a gente convencer companheiros de boa índole de que não custava nada emprestar um pouquinho de dinheiro para os pequenos. Quando a gente



resolveu estender para os aposentados o crédito consignado foi outra guerra, essas guerras duram meses, meses, meses. Como o mandato é só de quatro anos, a cada seis meses que você perde, perdeu 1/6 do mandato.

Então, as coisas demoram, mas hoje eu tive o prazer de pegar os números do Gilson, se eu fosse secretário do Partido Comunista russo, em um encontro do Partido Comunista, eu não poderia ofertar um relatório mais bonito do que esse, Gilson. Isso aqui vai precisar... Eu vou dar alguns números aqui:

Entre 2003 e 2010, foram realizadas 12 milhões e 200 mil operações de microcrédito produtivo urbano, sendo emprestados mais de R\$ 13 bilhões e 700 milhões, em sua maioria para operações que contaram com assessoria de um agente de crédito. Gilson, se estiver errado você faz assim, se tiver positivo, você faz assim.

Vamos ver o que aconteceu com o Pronaf: entre 2003 e 2010 foram efetuados cerca de 14,3 milhões de contratos do Pronaf, sendo emprestados mais de R\$ 61 bilhões aos agricultores familiares, em operações de financiamento de investimento e para custeio da produção agropecuária. Vocês vejam que nós estamos falando de R\$ 61 bilhões que circularam na mão das pessoas da pequena agricultura neste país.

Vamos ver o que aconteceu na inclusão bancária e ampliação do acesso ao crédito pela população de baixa renda – Conta corrente e relação com instituições financeiras. Entre 2003 e 2010, o número de pessoas físicas que passaram a ter relação com instituições financeiras (bancos e cooperativas de crédito) aumentou de 45 milhões, em sua grande maioria... aumentou em 45 milhões em sua grande maioria pelo aumento do número pessoas com conta corrente e de poupança.

Houve o projeto de inclusão financeira dos beneficiários do Programa Bolsa Família. Cerca de 2 milhões e 350 mil beneficiários do Bolsa Família já têm conta corrente simplificada e mais de 580 mil tiveram acesso ao microcrédito produtivo rural ou urbano por meio do Agroamigo, Pronaf ou



Crediamigo.

Crédito Consignado, beneficiários do INSS, só o INSS. Entre 2004 e setembro de 2010, foram efetuados 41 milhões e 800 mil contratos de crédito consignado com beneficiários do INSS, envolvendo R\$ 82 bilhões de financiamento.

Microcrédito Popular, sem restrição de uso: Recursos dos depósitos Especiais para Microcrédito. Os recursos dos 2% dos depósitos especiais destinados ao microcrédito permitiram a realização, entre 2004 e agosto de 2010, de 52,7 milhões de operações de microcrédito de uso livre, com 6 bilhões 460 milhões em empréstimos destinados a população de baixa renda.

Fortalecimento do Cooperativismo de Crédito: As cooperativas de crédito ampliaram o público atendido com a transformação de diversas cooperativas fechadas em cooperativas de livre adesão. O número de cooperativas de crédito somado aos postos de atendimento cooperativo aumentou de 2 milhões 915, em 2002, para 4 milhões... para 4 mil 319, não são 2 milhões não, aumentou de 2 milhões 915, em 2002, para 4 milhões 319 em junho de 2010, ampliando significativamente os pontos de atendimento das cooperativas. Entre 2002 e junho de 2010, as cooperativas de crédito tiveram um significativo crescimento de todos os seus indicadores econômicos: a) aumentaram o número de associados de 1,6 milhão para 4,5 milhões; b) elevaram o valor dos depósitos de seus associados de R\$ 6,9 bilhões para R\$ 26,5 bilhões; c) ampliaram o patrimônio líquido do segmento de 2,6 bilhões para 12,2 bilhões. Elevaram os ativos totais administrados de 11,5 bilhões para 48,5 bilhões. Ampliaram as operações de crédito de R\$ 4,6 bilhões para R\$ 27,8 bilhões.

Principais desafios: você vê a quantidade de dinheiro que eu falei, não é Meirelles? Eu falei tanto bilhão que você já percebeu que tem mais do que a reserva nossa em dólar. E está rendendo... Hein Meirelles? Com essa política americana o nosso está rendendo... vamos emprestar para a cooperativa que rende mais.



Bem, principais desafios aqui: consolidar o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado com uma maior inter-relação entre as instituições bancárias e as instituições de microcrédito; ampliar o número de instituições de microfinanças e estimular a sua expansão para os pequenos municípios; ampliar a escala de operação das instituições de microfinanças, com ampliação da área de atuação para as comunidades e empreendedores mais carentes; construir parcerias com estados e municípios para apoiar e fortalecer as instituições de microcrédito; ampliar as ações de educação financeira da população de baixa renda e de micro e pequenos empreendedores; fortalecer as ações de capacitação e formação de empreendedores, gestão de negócios e da atividade; ampliar a formalização dos micro e pequenos empreendedores, facilitando assim o acesso ao crédito e demais políticas públicas; ampliar os mecanismos de garantia nas operações de microcrédito, permitindo sua expansão e ampliação mais rápida; desenvolvimento de produtos e serviços financeiros mais adaptados À realidade econômica da população de baixa renda e dos microempreendedores; ampliar o número de cooperativas de crédito nas regiões Norte e Nordeste; fortalecer ainda mais o cooperativismo de crédito no Brasil, buscando elevar sua participação no total do Sistema Financeiro Nacional; ampliar os mecanismos de acesso ao crédito e aos serviços financeiros pelos beneficiários do programa. Essa aqui, Meirelles, são algumas das coisas que precisam ser feitas para a gente aprimorar essa questão do crédito.

Outros números importantes: ampliação do Crediamigo... Smith, você veja se isso aqui é verdadeiro. Entre 2002 e 2010, de 359 mil contratos para 1 milhão e 300 mil contratos por ano. E de 287 milhões de empréstimos para 1 bilhão 580 milhões emprestados por ano; realização pelo Crediamigo, entre 2003 e 2010, de 6,6 milhões de operações de microcrédito produtivo, emprestando para empreendedores cerca de 7 bilhões neste período.



Além das operações do Crediamigo, foram realizadas, entre 2005 e 2010 no âmbito do Programa Nacional de Microcrédito Produtivo, por outras instituições de microcrédito produtivo orientado, cerca de 1 milhão e 300 mil operações, envolvendo R\$ 2,9 bilhões.

Os recursos dos depósitos especiais destinados ao microcrédito, 2% dos depósitos à vista, permitiram a realização de mais 4,2 milhões de operações de microcrédito produtivo, envolvendo outros R\$ 3,72 bilhões em empréstimos entre 2004 e 2010. Os recursos dos depósitos especiais de microcrédito foram responsáveis por 3,17 bilhões em operações de microcrédito produtivo orientado por meio do Crediamigo desde 2004, sendo responsáveis por 336 milhões da carteira ativa atual. Ampliação do número de assessores de crédito, passando de 396 em 2002 para 1.639 agentes de crédito em 2010.

Outros números, outros números. Isso aqui é um número importante, Meirelles. Você sabe que não foi fácil a gente conseguir isso aqui. O crédito do Pronaf cresceu no nosso governo, passando de 829 mil contratos e 2 bilhões de financiamento, em 2002, para cerca de 2 milhões de contratos/ano em 2010, envolvendo R\$ 14 bilhões. A agricultura familiar, que acessa o crédito rural pelo Pronaf, está coberta com seguro de preços, de renda e climático das operações de custeio e investimento. Tudo isso, obra do Gilson aqui. Os agricultores familiares mais pobres beneficiários do Pronaf contam agora com o Programa Agroamigo, que opera com a metodologia do microcrédito produtivo orientado.

Por meio do Pronaf/Agroamigo já foram realizados 1,05 milhão de contratos e liberados mais de R\$ 1,5 bilhão, em operações que contam com o (incompreensível) da União e dos Fundos Constitucionais, apresentando baixa inadimplência, baixa inadimplência.





Outros números: inclusão bancária e ampliação do acesso ao crédito pela população de baixa renda, conta corrente e relação com instituições financeiras. Entre 2003 e 2010, o número de pessoas que mantém relacionamento com uma instituição financeira cresceu de 70 milhões para 115 milhões, ampliando de 40% para 59% da população brasileira com vínculo com alguma instituição integrante do Sistema Financeiro Nacional.

Existem cerca de 6,5 milhões de contas correntes simplificadas, com destaque nos bancos públicos federais, criadas para a população de baixa renda, sem cobrança de tarifas e sem necessidade de comprovação de renda e de endereço.

Outros números: projeto de inclusão financeira dos beneficiários do Programa Bolsa Família. Até setembro de 2010, mais de 2 milhões 850 mil pessoas... famílias, não é isso? beneficiários do Programa Bolsa Família já eram detentores de contas de depósito simplificadas abertas na Caixa para recebimento dos benefícios, permitindo também outras operações bancárias. Mais de 241 mil beneficiários do Programa Bolsa Família do meio rural tiveram acesso ao microcrédito produtivo rural por meio Agroamigo/Pronaf do Banco do Nordeste. Não falaram nada do Basa até agora, hein? Cerca... Gilson, o Basa reivindica... cerca de 340 mil beneficiários do Programa Bolsa Família tiveram acesso ao microcrédito produtivo pelo Banco do Nordeste.

Estão sendo oferecidos cursos sobre educação financeira para os beneficiários do Programa Bolsa família, ampliando as possibilidades do acesso ao microcrédito produtivo por este público.

Correspondentes bancários no país... Ô gente, eu não vou mais ficar lendo números aqui, não. É apenas... eu queria dar um pouco disso aqui para valorizar o Gilson, que trabalhou que nem um desgraçado. Mas ao mesmo tempo, dizer para vocês o seguinte: é tanta coisa que aconteceu neste país, é tanta coisa, que quando a gente está terminando o mandato e o governo tem a aprovação que tem, obviamente, que não é por elogios da imprensa. Não é



porque a imprensa fala bem do governo. É porque tem uma coisa que está acontecendo no Brasil, Meirelles, que a política pública está chegando nas pessoas. E são milhares, milhares e milhares, de forma diferenciada, que garante com que a política chegue nas pessoas.

Nós estamos acabando com aquele tempo, minha querida Teresa, estamos acabando com o tempo em que só pegava dinheiro emprestado em banco, quem não precisava de dinheiro. Porque as exigências eram de tal magnitude, a quantidade... eu lembro que um dia eu peguei, em uma reunião do Pronaf, eu pedi ao Banco do Brasil, na época, que ele me trouxesse uma relação da quantidade de linhas de crédito. Era um negócio absurdo, Meirelles, era Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf D, Pronaf... tinha o abecedário inteiro, e cada um ainda era subdividido. Ou seja, o cidadão, ele tinha que ter tanto dinheiro para cumprir as exigências, que se ele cumprisse as exigências, não precisaria mais do empréstimo, ele ia aplicar o seu próprio recurso.

Isso valia para o BNDES, isso valia para os bancos públicos porque houve um tempo em que a moda era não emprestar. Houve um tempo em que a moda era não emprestar, e se tivesse que emprestar, era melhor emprestar muito para um só, porque sentava lá o cidadão na frente do gerente, conversavam, trocavam charutos e pegavam... do que atender um monte de capiau de sandálias havaianas, que ia lá pegar R\$ 500,00, R\$ 50,00, R\$ 200,00, R\$ 20,00, R\$ 30,00.

Então, mudou. Mudou e eu acho que vocês têm muita responsabilidade, acho que nós temos que avançar mais ainda. Mas essa ideia de a gente pegar os estados mais empobrecidos, mais atrasados e a gente criar mais condições compreendendo uma coisa simples, gente: o pobre que tiver acesso a R\$ 50,00, ele não vai comprar dólar, ele não vai comprar carro, ele vai comprar comida.

Eu, agora, fui a Petrolina, eu fui a Petrolina, um menino que está estudando engenharia na Universidade Federal de Petrolina, não desistiu da



escola por conta do Bolsa Família, Márcia. É o Bolsa Família que garante a ida desse menino à universidade. Como é que a gente vai querer que alguém, lá no Rio de Janeiro, no 18º andar de um prédio, vá se preocupar que R\$ 80,00 vai garantir que um jovem vá para a universidade?

Então, esse milagre da multiplicação que está acontecendo no Brasil é um milagre que precisa continuar. Eu acho que... No dia 1º de janeiro a gente vai ter uma nova presidente, certamente vai ter muita gente nova no governo, e eu acho que é importante que vocês não deixem de discutir os assuntos pertinentes ao microcrédito, ao fortalecimento da cooperativa, ao fortalecimento da inclusão bancária, ao fortalecimento do microcrédito. Quanto mais crédito a gente tiver... Preciso eu, torneiro mecânico, sem nenhuma iniciação acadêmica na área de... como chama? De economia, entender que um país capitalista tinha que ter capital, um país capitalista tinha que ter crédito.

Você sabe quanto era o crédito, no Brasil inteiro, quando nós chegamos, Meirelles? Em 2003? Pode pegar março de 2003. O crédito disponibilizado no Brasil inteiro era de apenas R\$ 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil deve ter 380 bilhões. E o Brasil tem mais de R\$ 1 trilhão e 600 bilhões hoje, de crédito disponibilizados.

Ou seja, então você vê que... Uma vez eu perguntei para o BNDES: quanto tempo demora entre eu dar entrada em um pedido e o dinheiro sair lá na ponta? Duzentos e setenta e cinco dias. Isso se pegar gente de boa vontade.

Então, a minha briga, no começo, era para fazer com que as coisas fossem agilizadas. Não é possível alguém dar entrada em um projeto e demorar dois, três anos, tem que ter um meio mais ágil de investigar. E mudou muito. Mudou tanto que, no ano passado, nós fomos lá em São Paulo, embaixo de uma ponte, a gente assinou um financiamento para os catadores de papel de R\$ 200 milhões.

Ou seja, então as coisas estão avançando por experiências



extraordinárias como essa do Ceará e outras milhares de experiências bem-sucedidas no Brasil, coisas que a gente olhando individualmente pode-se não se dar valor, dependendo da mesa onde a gente está, com quem a gente está, mas se a gente analisa o conjunto, a gente percebe que, às vezes, esse mutirão e esses milhões de pequenas coisas terminam dando um resultado econômico extraordinário para o país. É por isso que nas regiões mais pobres do Nordeste, e a classe D e E, C e D é que mantiveram o comércio crescendo, na época da crise econômica, quando a classe A e B diminuiu o seu poder de compra.

Então, Meirelles, a palavra-chave é essa: quer que este país cresça? Quer que este país se desenvolva? Quer que este país consuma e não fique atrofiado como estão os Estados Unidos e a Europa agora? Coloque prata na mão dos pequenos, dê oportunidade de os pequenos ter acesso às coisas.

Eu fui agora ao Canal do São Francisco, uma experiência bem-sucedida na vida de uma pessoa. Uma mulher, uma mulher, estava o batalhão do Exército fazendo o Canal do São Francisco, lá perto de Cabrobó, uma mulher tomou R\$ 50,00 emprestados para o sobrinho dela. Essa mulher, com os R\$ 50,00, ela começou a fazer pastéis para vender para o pessoal que estava trabalhando. Ela vendia pastel e vendia meio guaraná em um copo de papel, o guaraná tinha que render, não podia vender um inteiro. Ou seja, passados seis meses, essa mulher já tinha comprado uma moto, essa mulher estava fazendo um restaurante para atender 400 refeições por dia. Então, veja a transformação que aconteceu na vida de uma mulher, por causa de R\$ 50,00.

Quantas, quantas pessoas precisam apenas, quem sabe, de 50, de 100 ou de 150 para dar o primeiro passo? Quantas? E quantas vezes a gente vê nos jornais pessoas que tiveram acesso a bilhões e bilhões e bilhões, que não geraram quase emprego, que quebraram e que nós fomos obrigados a sair correndo atrás do prejuízo? Quantos?

Então, eu penso que essas experiências devem servir de balizamento



para que a gente continue fazendo o Brasil continuar dando certo como ele está dando certo até agora.

No mais, parabéns a todos vocês, e que a gente continue fazendo com que o crédito cresça, e cresça, e cresça, não em quantidade apenas, mas para atingir milhões de brasileiros que ainda não tiveram acesso.

Um abraço, e boa viagem, Meirelles, que eu sei que você vai embarcar.

(\$211 A)